



LOULETANO

Biblioteca Nacional
Lisboa

JORNAL PROGRESSISTA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno 1.5600 réis; numero avulso 40 réis. Para fóra de Loulé acresce o preço das estampilhas. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Pablo Garcia Delgado, administrador d'este jornal, rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou rua Barbacem 10 e 12—LOULE.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por cada linha, 40 réis; ANNUNCIOS por linha de typo commum, 20 réis; annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 1 exemplar. Não se restituem os originaes enviados á redacção, enlora não sejam publicados.

LOULÉ

São decorridos já oito dias desde que os bravos militares portuguezes regressaram da Africa Oriental, onde tiveram de sustentar uma lucta, cheia de difficuldades, contra as setas e azagaiaes dos pretos e contra as terriveis febres, que tantos e tão grandes estragos fazem no organismo de todos os que, pela primeira vez, têm de submeter-se áquelle clima inhospito e doentio.

São decorridos já oito dias e ainda se ouvem os echos do vibrante impulso que a alma portugueza soffreu, levantando-se como uma só entidade para festejar e receber dignamente os valorosos e valentes expedicionarios.

O povo portuguez cansado de protestar contra as atrocidades e violencias de todo os generos, ultimamente praticadas, tinha caído na modorra do indifferntismo, de que só despertaria convulsionado por qualquer extraordinario acontecimento.

Esse acontecimento deu-se, e foi a victoria das armas portuguezas em Africa, succedendo-se-lhe o regresso dos officiaes e soldados portuguezes; pois isso só bastou para que todos, impellidos pelo mais sublime sentimento — o patriotismo — se levantassem como um só homem para receber em seus braços os seus amigos, os defensores da bandeira portugueza em longiquas paragens.

Nas horas de amargura, como nas de festiva alegria, o povo portuguez sabe esquecer as rivalidades de partidos e unir-se para, conjuntamente, partilhar as lagrimas nos amargurados transes e as alegrias nas horas de triumpho.

E no momento actual todos devem sentir-se orgulhosos por ver que os nossos soldados, muitos dos quaes se podem considerar creanças ainda, se mostraram dignos descendentes dos antigos conquistadores e descobridores portuguezes.

Os pretos, impellidos talvez por occulta mão, revoltaram-se contra o dominio de Portugal e pretenderam arrancar a gloriosa bandeira das quinas que tremulava n'aquelles terrenos, mas em defesa d'ella correram logo os soldados portuguezes e tão corajosamente se houveram que, apesar de todas as contrariedades, souberam sus-

tentar o prestigio de que tem gosado.

Gloria, pois, ao exercito portuguez que, não se poupando aos mais cruentos sacrificios, só attendeu ao prestigio de Portugal e ao brilhantismo da sua historia.

Justas foram as aclamações com que todos receberam os expedicionarios portuguezes, porque grandes foram tambem as privações por que estes passaram, tendo d'atravessar, em successivas marchas, paizes hostis, debaixo d'um calor tropical a que se succediam chuvas torrencias; luctando contra as traições dos pretos, como contra as febres; tendo de conduzir bagagens, provisões de guerra e de bocca e tambem muitos doentes, que dia a dia augmentavam.

Não obstante tudo isto, esse punhado de soldados, verdadeiros heroes, que a fadiga não prostrára, conseguiram sair victoriosos de campanha tão cheia de escabrosidades.

E' que elles sentiam pulsar no peito o coração portuguez; sentiam correr nas veias o sangue dos antepassados, que deixaram atraz de si um sulco luminoso de glorias, como que a indicar aos vindouros o caminho da honra e do dever.

Desde o mais elevado até ao mais humilde, todos se têm associado ao delirante entusiasmo com que foram recebidas as tropas portuguezas.

Estas expansões da alma nacional são a prova mais frisaute de que ella sabe premiar a virtude e o valor,

Bem merecem da patria os soldados portuguezes e por isso justo é que recebam d'ella o justo premeio pelos seus heroicos feitos.

Apesar de só estar annunciado para segunda-feira passada o desembarque das tropas expedicionarias, estas desembarcaram um dia antes, e logo que em Lisboa se ouviu o signal da chegada do paquete *Zaire* toda a população accudiu ás margens do Tejo.

Organizado o cortejo fluvial, menos luzido do que era d'esperar, por não estar nada preparado, seguiu até ao arsenal.

Ali eram os expedicionarios esperados, pela familia real, ministerio, muitos officiaes e grande concurso de povo que formava alas, e logo que os primeiros pozeram pé em terra soaram atoadores vivas saltados pela enorme multidão que assistia ao desembarque.

e esguia do Augusto, e elle meio pallido e muito commovido fixou em mim os seus olhos negros e pediu-me encarecidamente que não me esquecesse de entregar o pequeno bilhete á Coralia.

— «Descança que lhe será entregue, respondi,» enquanto pela mente me passavam estas palavras: «Ser-lhe-ha entregue mas em meu nome e entre um bouquet de rosas e jasmims, as suas flores predilectas.»

Como tu sabes, a prima Coralia é doida pelas flores... e por mim.

Era a melhor desforra que eu podia tirar do Augusto, que o anno passado em Espinho fez com que a Pepa, a hespanhola mais bonita que tenho visto e por quem estive semiapaixonado, embirrasse comigo.

Lembras-te d'aquelle *cotillon* em casa dos condes de Mira?

Recordas-te que a endiabrada filha das margens do Guadalquivir, voltou para o Augusto o espelinho em cujo nitido crystal esperava ver a minha cara de *blasé* eternamente marcada pelo florete do Cassio?

Não te lembras?!... Pois n'aquelle momento appareceu-me ante o olhar o rosto moreno e picante da hespanhola, sorrindo-se para o Augusto, que a arrastou na walsa mais infernalmente torturante que tenho visto dançar.

Foi necessariamente com uns longes de ironia que respondi á ultima supplica do infe-

Do arsenal até ao Terreiro do Paço formavam contingentes de 25 praças de cada um dos regimentos da capital.

Os expedicionarios, em numero de 717, formaram no Terreiro do Paço em frente da estatua de D. José, onde el-rei, acompanhado d'um numeroso estado-maior, lhes passou revista, seguindo depois até ao quartel de Valle do Pereiro.

O coronel Galhardo e o major de caçadores 3 sr. Souza Machado foram alvo de delirante manifestação, chegando por vezes o povo a levantar o segundo ao colo.

Em todo o trajecto resoavam os vivas e as palmas, manifestando-se indscriptivel alegria. Muitos populares vendo a fadiga de alguns soldados livravam-os do peso do armamento.

No quartel de Valle do Pereiro foi mais tarde servido um abundante jantar ás praças expedicionarias e officiaes inferiores, correndo tudo na melhor ordem e no meio de grande alegria, terminando ás 8 e meia.

A' noite o quartel foi illuminado interiormente por meio de electricidade e balões vezejianos e exteriormente com renques de bicos de gaz, destacando-se na fachada os nomes dos pontos onde se deram as principaes batalhas.

Durante a noite houve pelas ruas varias manifestações sendo a principal a promovida pelos estudantes.

Na segunda-feira realisou-se no grandioso templo dos Jeronymos o Te-Deum em homenagem ás graças pelas victorias portuguezas.

As tropas foram conduzidas para Belem em dois comboios um que partiu do Caes de Sodré e outro do apeadeiro de Santos.

As magestades foram recebidas pelo cabido, irmandades, ministerio, officialidade, etc. e ao entrarem no templo a orchestra executou o hymno real.

Orou brilhantemente o sr. arcebispo de Evora, exaltando a heroicidade dos soldados portuguezes. Terminou o seu discurso da seguinte forma:

«Patria, não adormeças, resurge, patenteando a consciencia do teu valor! Exulta. Ergue e segue.»

A' noite houve recita de gala em S. Carlos, sendo por vezes interrompido o espectáculo pela apparição de algum expedicionario que era logo elevado aos hombros de alguns collegas ouvindo-se então muitos vivas.

No final do espectáculo appareceu em scena um sargento de caçadores empunhando a

bandeira portugueza e rodeado de muitos marinheiros e soldados.

Durante muito tempo resoaram na sala as palmas e vivas.

Na terça-feira teve logar na sala de risco, lindamente decorada a distribuição das medalhas commemorativas da campanha de Africa.

Os distinctivos eram pretos e vermelhos com fivellas de ouro para os officiaes superiores, de prata para os subalternos e de cobre para os sargentos, cabos e soldados.

O primeiro a quem a rainha D. Amelia collocou a medalha foi ao coronel Galhardo que, n'essa occasião foi alvo de mais um calorosa manifestação, repetida a todos os officiaes e principalmente ao major Machado de caçadores 3.

Seguiram-se depois um sargento, um cabo e um soldado de cada companhia dos regimentos a quem, depois de condecorados, foram dadas algumas medalhas para serem distribuidas pelos seus camaradas, ao peito dos quaes foram collocadas pelos officiaes.

A' noite, a academia promoveu uma grande manifestação e marcha *aux flambeaux*.

Seguiam á frente 32 estudantes em filas de quatro com as capas de mão a mão, depois a tuna academica e atraz os estudantes de todas as escolas empunhando archotes e balões.

Tambem na terça-feira houve um jantar a officiaes que fizeram parte da expedição, não comparecendo por incommodo de saude os srs. Antonio Ennes e capitão Couceiro.

Durante o jantar, tocou a banda d'infanteria 7.

Levantou o primeiro brinde o sr. D. Carlos, a que respondeu o sr. coronel Galhardo.

No quartel de engenharia realisou-se na quarta-feira o jantar a 5 sargentos e 45 praças expedicionarias. Findo o jantar, que correu muito animado, o general sr. Couto bebeu uma taça de *champagne* em honra dos expedicionarios.

Tambem no mesmo dia foi offerecido, no quartel de artilheria, em Campolide, um jantar aos officiaes da mesma arma, aos sargentos e ás praças de *pret*, em refeitorios separados.

Eis em resumo a notá das principaes festas com que a capital celebrou o regresso dos expedicionarios e as victorias por elles alcançadas em Africa.

FOLHETIM

OS ESPINHOS DA ROSA

Meu caro Daniel

A MINHA prosa narcotizante e rasteira vae por momentos desviar-te dos teus sonhos de poeta, sonhos cor de rosa, atravez dos quaes esvoaça a delicada phantasia da tua alma de sonhador.

Desculpa esta brutal transição, mas um desejo irresistivel, contra o qual luctou, por muito tempo, a delicadeza, obriga-me a confiar-te a ultima aventura da minha vida de rapaz estouvado

Ha um mez recebi uma carta da tia Margarida pedindo-me que fosse passar as proximas ferias na sua bonita casa de campo situada á beira do oceano.

No dia seguinte, depois de abraçar os amigos que tinham ido acompanhar-me á estação, subi alegremente para uma carruagem de 1.ª classe, no momento em que o empregado dava o ultimo signal para a partida da machina.

O comboio oscilou brandmente, prompto a pôr-se em movimento.

Partei entre as minhas a r... spalmada

liz namorado de minha prima.

.....
Eram tres horas da tarde quando cheguei ao termo da minha jornada.

O aborrecimento d'aquella viagem a sós, sem ter um amigo com quem conversar, um *carnet* onde eserevesse uma duzia de palavras ou um verso; transformou a alegria que sentia ao ver aquella doce villegiatura, n'uma especie de phrenesi que me irritava.

O Thomaz, o creado mais antigo da casa, um bom velho, franco e simples, que divinisa os costumes do seculo passado e odeia os progressos do actual, veio abrir o portão da quinta.

Depois de abraçar o seu Lulu, como elle outr'ora chamava ao teu velho amigo, disse-me que a tia Margarida e os primos me esperavam no *chalet* do pomar.

O *chalet* do pomar!... Estas palavras tão simples e para os outros tão indifferentes, dissiparam immediatamente a nostalgia que começara a invadir-me o coração.

Parecia-me que tinha voltado aos meus dez annos, quando eu, o Edmundo, a Coralia e a pequenina Bertha, corriamos n'uma alegria doida de passarinhos muito novos ensaiando o primeiro vôo.

O ponto de reunião era sempre o *chalet*. Ahi construimos ou concertavamos os barcos de papelão destinados a atravessar o ocea-

no contido no tanque mais proximo, aonde, não raro, as frageis embarcações encalhavam n'um bando de patos, que batia em retirada no meio d'uma algazarra medonha.

Arrancou-me ás recordações da infancia, quadra formosissima que a saude nos mostra primorosamente colorida na tela do passado, um grito de alegria com que os meus antigos companheiros saudavam a chegada do Lulu o mais traquinas e desenvolto do rancho.

.....
Não tentarei descrever-te a tia Maria, o Edmundo e a Coralia, que tu conheces bem como eu.

A primeira é essa santa senhora cuja figura sympathica e meiga tanta vez se curvou sobre o meu berço, espreitando a sorrir o despertar da creança que ella adorava profundamente, do Luiz, que a morte da irmã e do cunhado lhe atirara para os braços.

O Edmundo é a creança jovial e feliz, que vê estender-se ante o olhar um quadro de supremas venturas idealizadas na sua imaginação de adolescente á luz irresistivelmente attractiva d'uns olhos negros e febris.

A Coralia continua a ser aquelle diabrete que possui a *verve* da parisiense e o *salero* da madiena e sobre cuja cabeça loira como a d'uma patricia de Balzac, assenta graciosamente a classica mantilha d'uma compatriota de Campoamor.

Perseguição á imprensa

O governo escolheu o dia da chegada dos expedicionarios para mandar exercer atrozes violencias contra os jornaes da capital *O Paiz* e *A Vanguarda*, ordenando ao sr. juiz Veiga que não consentisse a saída dos jornaes, antes de serem submettidos a uma censura prévia.

Assim se fez. Consumou-se aquelle attentado e ameaçaram-se os redactores dos referidos jornaes de que se não mudassem de linguagem seriam supprimidos e o material apreendido.

Desejavamos que alguém nos dissesse onde se encontrou lei que permitta tal violencia e ameaça?

Na ameaça vemos nada mais e nada menos do que um roubo ás respectivas empresas, caso chegasse a pôr-se em execução.

Os jornaes atacavam o governo e accusavam-no de fazer especulação com as manifestações aos expedicionarios e tanto bastou para que do ministerio partisse uma ordem de perseguição contra elles.

Necessitava por ventura o governo de lançar mão de taes medidas?

Não, porque lá estava a lei de imprensa, (que já de si é uma belleza) lá estavam os tribunaes para punir os que incorressem nas penas estabelecidas na referida lei.

A ordem do governo não teve pois outro fim mais do que prejudicar as empresas dos jornaes contra os quaes se ordenou a perseguição. Já não ha liberdade do pensamento embora esse principio se ache estabelecido na Carta.

Mas para que invocar a Carta e para que invocar leis quando no poder está um governo que, na administração publica tem calçado todas as leis não reconhecendo como tal se não a sua vontade?!

Estranhámos que, dias depois de se ter fallado n'uma reunião dos representantes da imprensa, na organização d'uma associação de jornalistas, haja jornaes que applaudam as violencias que o governo entendeu exercer contra dois collegas.

Falla-se em associação, em solidariedade e dias depois commette-se um tão grande attentado contra dois jornaes, e uma parte da imprensa só razões para felicitar o governo pela sua obra!

Como base para a associação não se póde exigir mais, nem melhor.

Nós juntamos o nosso protesto ao dos nossos collegas, contra as violencias praticadas pelo governo, que de ha muito se lançou no caminho do absolutismo.

Acha-se ha dias entre nós o nosso presado amigo sr. Francisco Machado, socio da conceituada firma commercial de Lisboa—Valentim Machado & C.^{ta}.

Foram collocados: em caçadores 11, o alferes d'infanteria 15, João Ortigão Peres; em caçadores 12, o tenente de caçadores 4, Candido da Camara; em infanteria 15, o alferes Justino Frederico Chrispin.

Vou fallar-te da priminha Berta. Não te rias do diminutivo *mon cher*: e não vás encontrar n'elle um pouquinho d'essa ironia risonha que tu crês pimente ser a base ou o involucro do meu caracter leviano.

Delicada e franzina como as hastes das violetas, loura como Ophelia, e pallida como as agueenas, Berta dir-se-ia uma duqueza se não tivesse a desgraça de ser minha prima e portanto plebea.

Nos olhos azues de Berta ha sempre uma expressão de saudade e de tristeza, que commove. Parece um anjo perdido na terra que aubela pela morada celeste d'onde veio ha pouco.

Agora a mãe, os irmãos, as aves e as flores. Aquelle coraçãozinho de pomba innocente e candido como os sonhos dos cherubins, não se entregou ainda vencido por uma afeição profunda.

Nel-a, escutar-lhe a voz meliosa e affavel, mergulhar o nosso olhar nos seus olhos limpados e castos e não sentir por ella um affecto immenso e ilimitado é muito difficil se não for completamente impossivel.

Agora ouve, mas não zombes.

Eu, o inaccessivel em questões d'amor, eu que escarneckia com a paixão, como um sentimento piegas e ridiculo, adorei-a extatica e verdadeiramente!

(Conclue no proximo numero.)

MAGDALENA MARTINS DE CARVALHO.

Para solemnizar o triumpho das armas portuguezas em Africa e o regresso dos expedicionarios á patria, executou, a philarmónica *Artistas de Minerva*, na passada quarta-feira, na Praça, n'um coreto lindamente illuminado á veneziana o seguinte programma:

Hymno Nacional.

Vivent les chasseurs—Passo dobrado—Neves.

La Paz—mzurka—Salis.

Gavotta—Estephania.

Passagem do Regimento—Caventy.

Xim-pum-ram-tim—polka burlesca—Motta.

Aria de Bajo N'el opera *Lucrecia Berja*.

Tango com côros.

Echos d'aldeia—Passa calle—Fernandes.

A musica foi ouvida com agrado por todos, tendo sido muito applaudida.

O coreto, como dissemos, estava illuminado á veneziana, tendo ao centro em lanternas de côres os seguintes disticos: *Viva a patria, viva o exercito, viva a armada*.

O hymno nacional foi executado de pé desfaldando-se n'essa occasião a bandeira portugueza e subindo ao ar girandolas de foguetes; logo que a musica terminou a execução do hymno, o povo, que enchia a Praça, soltou vivas ao exercito, á patria, á armada, aos expedicionarios, ao capitão Mousinho, etc., vivas que foram correspondidos por todos.

Eram já passadas as oito horas quando a musica terminou o programma de que a cima fizemos menção, organisando-se em seguida uma marcha.

Na frente iam muitas pessoas com balões acesos, seguindo-se-lhes a philarmónica, que executava o hymno nacional, acompanhada de muito povo.

Percorreram assim a maior parte das ruas da villa, repetindo-se em todo o percurso as manifestações de entusiasmo e alegria pela chegada dos officiaes e soldados portuguezes, muitos dos quaes são naturaes d'esta provincia.

Correu na melhor ordem não havendo incidente algum desagradavel.

São dignos de louvor os promotores d'esta modesta, mas sincera manifestação.

Ao sr. Joaquim Antonio Pires, regente da philarmónica, e a todos os membros d'esta envidamos as nossas felicitações pela maneira como desempenharam os diferentes numeros do seu vasto repertorio; aquelle se deve o progressivo desenvolvimento que a philarmónica tem tido nos ultimos mezes a ponto de ser hoje muito considerada e ouvida sempre com curiosidade e interesse.

Durante todos os domingos e quintas-feiras, a começar d'hoje, e durante os tres dias do carnaval, haverá reunião para os socios do *Gremio Louletano*, n'um espaçoso salão que se acha lindamente decorado.

Foi escolhido este salão por ser bastante estreita a sala do referido gremio.

Partiu na quarta-feira para Lisboa o nosso velho amigo Sebastião R. Centeno, zeloso e activo empregado da bem conhecida e acreditada casa commercial de Lisboa—Alberto R. Centeno & C.^{ta}.

Esteve em Loulé durante a semana finda o sr. Gabino Tablas, digno empregado do sr. Alberto Figueiredo, da capital.

O sr. ministro das obras publicas auctorisou o abono, por uma só vez, de 60\$000 rs., á viuva do fogueiro João Manoel do Conceição Costa, que morreu em Faro, em resultado das queimaduras recebidas ao preparar a locomotiva.

Regulamento do recrutamento militar

Já se acha á venda esta edição, contendo a lei de 27 de setembro ultimo e o regulamento respectivo, approved por decreto de 26 de dezembro de 1895. Esta edição é a unica completa, porque é a UNICA que tem a lei e o regulamento; é a UNICA que contém repertorio, facilitando sobremaneira a consulta, e é a UNICA que, além d'estas leis, comprehende tambem a Divisão Administrativa, segundo os decretos do anno passado.

Pedidos á «Bibliotheca Popular de Legislação», rua da Atalaya, 183, 1.^o—Lisboa.

Preço 200 réis.

Saiu hontem para Castro-Marim o sr. Manoel Celorico Drago, tio do nosso amigo sr. dr. Silvestre Falcão.

Acha-se em Lisboa com sua ex.^{ma} esposa, o nosso amigo sr. dr. João Lopes G. Reis.

O prior de S. Sebastião

No numero passado apresentamos uma das irregularidades commettidas pelo padre Miranda, a que se oppõem claramente as *Constituições Synodales da diocese do Algarve*.

Contra as disposições expressas das mesmas *Constituições*, que o padre Miranda por conveniencias proprias desrespeita, é o referido padre o **distribuidor**.

Desconhece o padre Miranda os *grandes inconvenientes, confusões e embaraços* de que ellas fallam?

Não deve desconhecer, ou, por outra, tem obrigação de conhecer; logo se assim procede é unicamente com o proposito firme de desobediencia.

D'este modo o padre Miranda é, na mesma causa, juiz e parte, o que será muito commodo, mas ao mesmo tempo é certamente muito irregular e abusivo.

Conclue-se d'isto que o padre Miranda, tratando-se das suas conveniencias, não olha ao cumprimento da lei, nem de cousa alguma que a elles se oppoam.

Hoje temos de tratar de outro abuso.

A junta de parochia da freguezia de S. Sebastião tem, como todas as outras um presidente, um secretario e um thesoureiro; a este pertence receber e guardar os rendimentos da mesma junta, a quem presta contas; pois não obstante, o padre Miranda não ser o thesoureiro da junta, retem em seu poder quantias pertencentes áquella.

São grandes as instancias que os membros da junta têm feito para que o padre Miranda appareça nas sessões para lhe pedirem contas dos seus actos e ainda até hoje não conseguiram que o prior de S. Sebastião se apresente a dar as razões que justifiquem tal procedimento.

O padre Miranda deve saber que, não só, não póde receber, mas muito menos conservar quaesquer rendimentos pertencentes á junta de parochia.

Para que procede então de modo contrario?

Como os membros da junta cumpriam sempre o seu dever e exigiam equal procedimento por parte do padre Miranda, d'ahi nasceu a guerra que este lhe fez a ponto de no dia designado para a eleição da junta, ir para a igreja, rodeado de individuos estranhos á parochia, provocar tumultos.

O que ao padre Miranda convinha era uma junta submissa e que consentisse em que elle fosse presidente, thesoureiro, secretario, tudo, enfim, para poder manobrar á sua vontade; uma junta que, em tudo e por tudo, zelasse mais os interesses do prior que os da parochia, o que lhe não era permitido pela anterior, que ainda está em exercicio, pois que a eleição se não fez até hoje.

Cada vez vamos habilitando mais os nossos leitores para fazerem um juizo seguro do padre Miranda, e ainda não dissemos tudo; mas hoje não temos tempo para mais e por isso ficamos por aqui.

Até á semana proxima.

Vimos n'esta villa na quinta-feira o nosso amigo e assignante sr. Antonio de Brito Teixeira, de Salir.

Agradecimento

Joaquim Rodrigues de Passos Pinto, summamente grato para com seu primo o ex.^{mo} sr. Dr. Victorino de Passos Pinto, distincto facultativo, pela maneira como se houve no tratamento da grave doença que accometteu e de que ia sendo victima seu filho José, faltaria a um dever de lesa gratidão se não visse dar um publico testemunho do seu eterno reconhecimento a tão habil medico, a cujos dotes clinicos rende o seu humilde preito. S. Braz d'Alportel, 23—1—96.

Uma machina de serviço na linha do sul colheu, proximo da estação de S. Bartholomeu de Messines, na trincheira da Senhora da Saude, um novillo, matando-o.

Na segunda-feira ultima esteve em Loulé o nosso velho amigo sr. padre Marianno da Silva Corrêa, digno paroco da villa d'Olhão.

Está aberto concurso, na direcção dos caminhos de ferro do sul e sueste, para provimento de tubos para caldeiras a vapor.

No sitio do Furadouro, proximo de Messines, foram encontradas n'umas escavações algumas moedas antigas, dentro d'um vaso de barro.

Kalendario da semana



JANEIRO 31 DIAS

26, Domingo—S. Polycarpo, B. M.
27, Segunda—S. João Chrysostomo.
28, Terça—S. Cyrillo. St.^a Leonides, M.
29, Quarta—S. Francisco de Salles, B.
30, Quinta—St.^a Martinha, V. M. & Lua cheia ás 8 h. e 19 m. m.
31, Sexta—S. Pedro Nolasco.

FEVEREIRO 29 DIAS

1, Sabbado—St.^a Ignacio. St.^a Brigida.

Reabriu a fabrica de cortiça do sr. Narciso Villalonga.

Estamos em plena primavera. Continua a estiagem na nossa provincia, prejudicando gravemente as sementeiras, com que os lavradores não andam satisfeitos.

Publicou-se o 1.^o numero do 10.^o anno, 3.^a serie do *Amphion* com o retrato do tenor Francesco Marconi, que faz parte da companhia do Real theatro de S. Carlos. Eis o sumario: «A musica, a arte do seculo XIX» continuação.

A capella russa e origem dos cantos slavos-russos (continuação) V. F. Braga.

Chronica quinzenal—Lino d'Assumpção.

Concertos—Julius.

Theatros—S. Carlos, D. Maria, D. Amelia, Real Colizeu.

Necrologia—João de Deus, actriz Florinda.

Boletim lyrico.

Folhetim—A mais bella das aventuras.

Novidades muzicaes, etc.

LYCEU ALTO-MEARIM

(ESCORÇO HISTORICO)

A proposito d'este excellente livro, a que já nos referimos no numero passado, transcrevemos do *Monitor* o seguinte artigo, em que só se faz justiça:

Não é nosso intento aquilatar o valor d'este livro singular, nem dar relevo e feição á esplendida idéa organica que o determinou. Livros d'esta natureza, firmando-se na sua propria importancia, têm em si vitalidade perduravel, definida, gloriosa e independente de quaesquer inculcas ou criticas, mais ou menos justas, e mais ou menos apaixonadas no journalismo. Ainda que as bellezas da forma e do espirito não fossem, como realmente são, uma perfeita theosis d'este notavel livro, sobriariam os intuitos que o produziram e as circumstancias em que foi publicado, a fazer d'elle um dos livros mais sympathicos, mais sérios, mais ligados e generosos que nos ultimos tempos têm saído dos prelos portuguezes.

Resumindo o nosso conceito, e qualificando este livro em poucas palavras, bem poderíamos chamal-o:—um trabalho de consciencia e de intelligencia a favor de uma instituição eminente e de uma causa benemerita. Este livro, apesar da sua larga-circulação, em numero superior a dois mil exemplares, não se expõe á venda nos balcões das livrarias. Dispensa, por isso, todos os *reclames*, visto não haver interesses alguns de auctor ou editor. Em frente d'elle—caso rarissimo!—a critica encontra-se desembaraçada de empêcos e perfeitamente á vontade.

A seriedade d'este preciosissimo livro revela-se logo no proprio titulo, ou antes, na ausencia de titulo, porque esse titulo que apresenta, é o mesmo do instituto que reflecte. Já isto não é pequena cousa. Hoje, em assumptos litterarios, o titulo de uma obra tornou-se o supremo esforço, o supremo artificio, e quasi sempre a suprema mentira! O titulo é tudo; absorve a summa importancia d'esta especie de industrialismo, em que a verdade figura apenas como pretexto. Os editores pagam antes os titulos, que a valia scientifica dos livros. Não se pergunta o contexto de um escripto, o seu merito doutrinal, a sua intenção; pergunta-se, logo e principalmente, qual ha de ser o titulo—titulo, que pela sua originalidade e frescura, dê rebato estrepitoso e imprevisito ás curiosidades mais fleugmaticas.

E d'aqui se infere que o gosto dos leitores anda como os paladares estragados, a que só iguarias fortemente condimentadas avivam os estímulos da apreciação gastronomica. O rótulo estapafurdio, o reclamo inaudito, o cartaz colossal, o annuncio espaventoso, o titulo de espavorear são os ingentes pregoeiros embaidores d'esta litteratura barata, que, na ausencia absoluta de prestimo intrinseco, excogita as burlas mais boças para deslumbrar os olhos e aturdir as imaginações. Assim, os typos rendilhados e arabescos, os typos pretenciosos e os panegyricos nunca ouvidos, fazendo-se cúmplices d'estas artimanhas, enganam a cada passo o homem sincero, que, presumindo alcançar um livro util, apenas alcança um *volume*!...

Ora, este livro é exactamente o invez d'isto. Poderia dar-se-lhe um titulo mais frisante, mais berrante á occasião... Não se lhe poderia dar ou-

tro mais conveniente. O seu titulo é o assumpto, e o assumpto é o monumento, o *Lyceu Alto-Mearim*. Livro e monumento travam-se e confundem-se na mesma verdade, na mesma gravidade, na mesma utilidade.

Motivado por um infausto e aspero acontecimento, que alarmou o espirito publico, ameaçando arrebatá-lo a villa de Mattosinhos a mais formosa e a mais florecente das suas instituições, este livro toca, ao de leve e a fugir, n'esse deploravel e desastrosissimo incidente, e alante-se á mais graduada elevação, resumindo quilates de outra mais nobre especie, abre-se em relances capitales. Modestamente se epigrapha *Escorço historico*, quando, em realidade e ao mesmo tempo, é tambem um escorço critico, biographico, oratorio e patriótico, de raro valor litterario e alto senso moral, que jámais poderá obliterar-se da memoria dos bons e da consciencia dos educadores.

O livro é completo, e lê-se d'um folego; encerra exemplo e ensino:—uma especie de lição dada e recebida sem que se sinta a rispidez do mestre, nem a causticidade do pedagogo. E' preambulado por tres velhos amigos do nobre conde Alto-Mearim, admiradores constantes dos seus meritos e serviços, tres honrados e distinctissimos cavalheiros, que lhe exaltam o caracter e a obra benemerita com exuberancia de effectiva justiça e franca expansão. Essas paginas, setinosas e brilhantes, em que se agrupam com a formosura da dieção todos os predicados optimos para incutir affectos e despertar enthusiasmos civicos, despejam torrentes de verdade e formam por si um douto estudo e um livro relevantissimo. Nunca da luz serena e alegre da amizade, fortificada pela virtude, desceu um raio mais bello e mais intenso. E' um raro tributo, um justo preito de admiração—dignissimo de quem o dá e de quem o recebe.

A esta primeira e interessante parte do livro segue-se uma segunda não menos interessante:—a que traslada os discursos pronunciados na solemnisissima sessão da reabertura do lyceu. Que diremos nós d'este esmerado, d'este esplendido e riquissimo trabalho? Que é simplesmente admiravel, precioso e rutilante como as pedras finas:—um ramal de diamantes facetados, que fascina e fulgem a todo o sol.

O notabilissimo discurso, propriamente de reabertura, proferido pelo insigne presidente da commissão administrativa, o nosso bom amigo Joaquim Ferreira Moutinho, conlensa profundo e variado saber, e ostenta intrepido desassombro e vigorosa eloquencia. A leitura d'este magnifico trabalho entalha no espirito conceitos nitidos e impressões indeleveis sobre a transcendencia da educação popular e importancia do instituto que valentemente exalta e defende. A prosa de Joaquim Moutinho pulsa de calor e de vida, tem nervos, tem vôos, tem estos que denotam e apontam as excellencias de uma convicção inquebrantavel, guiada por um lucidissimo talento. Este seu discurso, phraseado como um poema, encerra trechos e trechos de locuções florentissimas, sempre harmoniosas e genuinamente portuguezas.

O pensamento brunido pela experiencia e a affirmativa auctorizada pela reflexão e pela edade resabem lho opulentos de conceito e bellos de forma. Ferreira Moutinho cultiva, como poucos, a sua lingua, e possui, como pouquissimos, a coragem das proprias convicções. Depois, diga-se de passagem e despretenciosamente, elle é tambem um consummado e validissimo benemerito da beneficencia publica, tem sido um extrenno acariador dos desvalidos, pôde accentuar verdades, duras e amargas, em tom alto, porque, para ser auctoridade e austera auctoridade, nem sequer lhe falta a consagração do martyrio!

Seguidamente ao discurso monument l de Joaquim Moutinho, levanta-se como uma aurora, esbelto e radioso, o modernissimo discurso do dr. Francisco Joaquim Fernandes. Não sabemos, ao certo, se foi esta a sua estreia oratoria; se foi, como nos affirmam, começa o eloquentissimo tribuno por onde terminam os mais illustres. Ali tudo é grande e impressivo—desde a generalidade de e alteza da idéa até ao luzitanismo da phrase. O laureado academico generalisa talentosamente e falla brilhantemente. Em breves trechos resume um periodo de historia e em breves termos synthetisa amplos idéas. Offerece-nos inducções poderosas, vastos panoramas, lances de vista que torçam a reflexão.

O seu espirito, penetrante e forte, atravessa rapidamente o espesso nevoeiro moral, que nos envolve e fustiga por toda a parte, e, sem descarnar chagas cancerosas nem expôr o colorido e o fetido das fibras pôdres, inalta-se, como a aguia, a regiões mais puras e proclama a necessidade suprema da *vita nuova*. A sua alma, vigorosa, culta e vibrante, floresce nos esplendores de uma esperanza:—d'esta feracentação social ha de sair por força alguma cousa melhor, porque, conso nte a sentença de Marx, a *putrefacção é o laboratorio da vida*.

Bem, perfeitissimamente bem; maravilhoso! Vem depois uma formosa e scintillante poesia de Henrique Marinho—uma perola, uma estrella a tremeluzir por entre as galas pomposas d'este festival;—e, immediatamente, coroadando todo este rememoravel e imponentissimo torneio, o discurso de Alves Mendes. Abstemo-nos de commentariar o velho orador eminente, porque o seu nome está formado. Assombra-nos e persuade-nos ao mais extatico silencio tanta variedade de erudição, tamanha magnificencia de estylo, tão sublimada pureza de conceitos, de idéas e de conselhos profundos! Esta parte da obra, que fecha o livro, como chave de ouro, já foi obtida, ao que nos consta, por um conceituado editor do Porto, para com a devida venia da benemerita commissão, ser reproduzida e circular em separado.

Taes são, abertamente exaradas ao correr da penna, as gratissimas impressões que recebemos

d'este livro primoroso, magistral, senberil, notavelmente escripto e nobremente intencionado. A redacção do *Monitor*, que foi a primeira a tomar voz e prompta a cooperar, animosa e intransigente, a favor da grande causa, que perfaz o objectivo do livro, comparticipando n'uma apothese tão ajustada quanto merecida ao illustre conde do Alto-Mearim na reabertura do seu famoso instituto, gloria-se por este novo triumpho, o mais perduravel de todos os triumphos—porque o instituto pôde passar, mas o livro não passa, o livro fica!

QUADROS

DA

Dominação musulmana no nosso paiz

Os luso-arabes
PRIMEIRA PARTE

IBN-AMMAR

VI

O festim

No meio da mesa uma fonte de alabastro em forma de minarete lançando agua por varias bicas em vasos de chrystal de rocha.

De repente todos os serviços interromperam os seus trabalhos. Fez-se entre elles um grande silencio.

Todos os ouvidos estavam attentos.

Do meio do arvoredo dos jardins elevava-se uma voz doce e melodiosa, como de vera de ser a de um anjo, rompendo por entre rolos de nuvens brancas dispersas n'um ceu illuminado, acompanhada pelos accordes dulcissimos de uma harpa celeste.

A principio era uma melodia suave, triste e meiga como as primeiras notas plangentes do luscínio, n'uma doce melopéa, repassada de melancholia e saudade, depois elevava-se n'um crescendo vivo, subia em girandolas de harmonia, em gorgeios complicados, em esforços sublimes das cordas vocaes, em trillos argentinos, cortados por gritos de amor, rompendo a serenidade da noite, e reboando sonoras pelo espaço, depois ainda voltava ao primeiro tom triste e dolente, perdendo-se a ultima nota na atmospha nitida e confundindo o seu echo com o leve rumor da viração, como o derradeiro alento de uma alma ao partir.

O principe passeiava a sós com a cantora pelo valle junto ao rio, ensombrado pelas alamedas do seu parque.

Ninguem se atrevia a perturbá-lo.

No vestibulo do lado do jardim esperavam-nos alguns convidados, e nas varandas do primeiro andar aguardavam-no as mulheres do harem com as suas amigas, por um lado cheias de ciúme e inveja, por outro de alegria por se irem ver brevemente livres da sua mais temida rival.

Pouco depois, o principe apparecia no terreiro areado que defrontava o vestibulo, trazendo reclinada no seu hombro a gentil Daissé.

Imediatamente accenderam-se como por encanto varios fachos em balões de chrystal de côres vivas sobrepostos artisticamente a hastes de bronze cinzelado, sustentados nas mãos por eunuchos negros.

Os seus clarões faziam scintillar a agua dos repuxos, e repetiam-se no fando dos lagos, acordando os peixinhos vermelhos como rubis, que dormiam descuidosos no seu leito de limos.

Um bando de alméas precipitou-se ao encontro do principe, formando grupos variados, descrevendo circulos e espiraes complicadas n'uma dança vertiginosa e louca, como essas danças andaluzes que ainda hoje fazem o nosso encanto.

O principe sorria tristemente. Era muito creança e muito sensível; ainda mesmo os amores faceis deixavam-lhe no coração impressões fundas.

Os esforços que faziam para o distrahir não conseguiam banir-lhe do peito a idéa da proxima separação.

Saudando affavelmente todos os convivas que foram ao seu encontro, e não vendo entre elles Ibn-Ammar (2), disse com inquietação:

—Onde está Abu-Becr?

Um eunucho inclinou-se respeitadamente e respondeu:

—Ainda não veio, senhor.

Quando eu sahi de Medinah Shilt (3) ainda o meswar (4) estava em sessão.

Esperemos, disse o principe, entrando no vestibulo seguido das damas que haviam descido das varandas e de alguns jovens cavalheiros. N'isto entravam Ibn Ammar e Ibn Salam.

Brilhou immediatamente a alegria no rosto do Motamid. Por mais terno que fosse com as suas amantes a amizade de Ibn Ammar era superior a todos os outros affectos.

Todos os convivas entraram na sala do jantar e se reclinaram nos coxins em torno da mesa.

O principe fez sentar a cantora á sua esquerda e Ibn Ammar, como seu immediato em auctoridade, á direita, e deu ordem para se começar o festim.

A presença de homens entre aquellas mulheres era uma horrivel infracção do koran, mas n'aquelle banquete não era essa a unica nem a mais grave.

O Motamid seguiu em quasi tudo os costumes dos potentados christãos que se banqueteavam no meio das damas e fidalgos das suas côrtes, e muitos dos quaes, como depois Affonso VI de Castella, pouco se differencavam d'elle na pluralidade das mulheres e amantes.

Conviven, dizem os seus chronistas, mais com os principes christãos que com os musulmanos, e vel-o-hemos dar em casamento sua filha Zahida a esse mesmo Affonso VI, casamento de que Ibn Ammar foi conselheiro e negociador, e que atrahiu a este o odio dos musulmanos mais fanaticos.

N'aquelle noite, Ibn Ammar não vinha de bom humor.

Os mensageiros que mandára ao norte não lhe haviam trazido noticias de Mariam.

Continuava a ignorar-se completamente o seu paradeiro.

(Continua.)

OLIVEIRA PARREIRA.

(2) Ibn Ammar, nascido em uma aldeia no districto de Silves em 1034, poeta, guerreiro e diplomata muito distincto. Era filho de paes pobres. Foi o mais celebre diplomata do seculo XI. Tratou do casamento de Affonso VI de Castella com uma filha do Motamid, a princeza Zahida, e concorreu para a tomada de Toledo pelos christãos, de quem foi aliauo. Foi valido de Motamid, e por elle degolado por causa de uma satyra contra a esposa do mesmo, a celebre Itimad, a quem chamavam a Sapho andaluza. Shinibos ou Shanabos, segundo suppõe Herculano.

(3) (cidade de Silves), cidadella.

(4) Conselho de estado, ou Divan.

AGRADECIMENTO

José Batel Junior, não lhe sendo possivel agradecer a todas as pessoas que lhe dispensaram a fineza de se informar da saude de sua extincta muiher, durante a doença a que infelizmente succumbiu, bem como ás que se dignaram acompanhar os seus restos mortaes á ultima morada, vem, por este meio, agradecer a todas e protestar o seu reconhecimento.

Loulé, 25—1—96.

ANNUNCIOS

AS ULTIMAS MODAS DE PARIS

MARIA DO PATROCINIO, modista das principaes casas de chapens de Lisboa e primeiras cidades da provincia, participa ás suas ex.^{mas} freguezas e ao publico em geral, que já recebeu tudo que ha de mais novidade em Paris para a confecção de chapens.

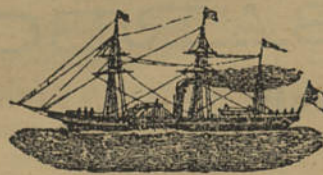
Remette para qualquer ponto do paiz, chapens tanto para senhora como para criança, (copias fieis dos ultimos modelos) desde 2\$000 até 6\$000 réis.

Encarrega-se com promptidão de transformar todas as qualidades de chapens, garantindo-se o bom acabamento e a economia.

ATELIER

Rua da Prata, 237, 2.º D.º — LISBOA

HALL'S LINE



Linha de vapores inglezes dos srs. John Hall Jun & C.º, de Londres.

Carreira semanal para Londres, tocando no porto de Faro todas as sextas-feiras, pela quantidade minima de duas barcas de carga.

Dirigir-se ao agente em Faro,

João P. d'Almeida.

CASA DE HOSPEDES

POR CIMA DA «ARCADA DA PRAÇA»

LOULE

Permanece aberto e optimamente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo acieio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.



MESTRE DE MUSICA

Mestre de musica

Joaquim Antonio Pires, regente da philarmonica *Artistas de Minerva*, lecciona piano, flauta, qualquer outro instrumento e canto.

Tambem afina pianos e encarrega-se de copiar musicas, tudo isto por preços modicos.

Quem pretender dirija-se á rua do Espirito Santo.

LOULE

Mestre de musica

MADEIRA

Manoel Rodrigues Corrêa

Previne os srs. proprietarios, constructores e mestres d'obras, que recebeu, directamente da Suecia, um carregamento completo de madeira de casquinha de 1.ª qualidade, que vende por preços excepçionaes.

Grande abatimento para com-

Aproveitem a occasião.

ATELIER DE PINTURA

DE

F. CRUZ

(Pintor de Lisboa)

46, RUA DA MOTTA, 46—FARO

Executa-se todo o genero de trabalhos de pintura tanto em fino como em ordinario, taes como: templos, propriedades, ornamentação de salas, fingimentos de madeira ou pedra bronzeados em todos os gostos, pintura em carruagens, monogrammas, paizagens, etc.

Especialidade em pinturas de letras, dou-radas em todos os generos e encarnação de imagens (pelo systema francez). Fazem-se transparentes em vidro, papel e panno.

Preços sem competencia.

Não mandem fazer trabalhos de pintura sem primeiro consultar os preços d'este atelier.

COMPANHIA DE SEGUROS

TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA
de responsabilidade limitada
CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160—1.º

Effectua

SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

Agente em Loulé,
Manoel Rodrigues C.

A LEITURA

Magnifica publicação quinzenal apparecendo nos dias 10 e 25 de cada mez, é editada pelo livreiro-editor José Bastos.

Publica obras scientificas, litterarias e artisticas. Litteratura de todos os paizes.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Lisboa

Anno..... 2\$400 réis
Semestre..... 1\$200 »
Trimestre..... 700 »

Provincias, Açores e Madeira

Anno..... 2\$600 réis
Semestre..... 1\$400 »
Trimestre..... 750 »

Quem quizer estar ao facto do movimento litterario, tanto no paiz, como no estrangeiro, assigne a LEITURA.

Numero avulso custa apenas 120 réis.
José Bastos, rua Garret, 73—LISBOA.

BATATA FRANCEZA

Propria para semear

Sentob Sequerra & Irmãos, esperam brevemente a chegada a Faro d'un carregamento da melhor procedencia para semear, tanto em abundancia de produçãõ como excellente qualidade.

Recebem desde já pedidos.

Torno universal PARA RELOJOEIRO

Vende-se um com pouco uso e por preço muito razoavel, conjuntamente com um magnifico estojo contendo mais de 100 peças, tudo sem o mais leve defeito.

Tambem se vendem diferentes ferramentas em bom estado, pertencentes a relojoeiro.

Quem pretender dirija-se a **Antonio dos Santos Brito**—LOULE.

AOS FUMADORES

Papel del CABALLO DE ORO

O papel **Del Caballo de Oro**, além de ser muito fino e de grande solidez, é superior a todos os conhecidos até hoje. Na sua fabricaçãõ não entra o chloro nem quaesquer outros acidos nocivos á saude, tendo por isso tanta suavidade que o torna sumamente recommendavel.

O papel **Del Caballo de Oro**, reúne pois todas as boas qualidades que os fumadores possam desejar; é fino, forte, de combustãõ lenta e suave ao paladar.

Usai pois o papel— DEL CABALLO DE ORO.

UNICO DEPOSITO EM PORTUGAL

Manoel Rodrigues Correa

LOULÉ

Armazem de Ferragens

QUINQUILHERIAS

Valenim, Machado & C.^{ta}

6—RUA DOS DOURADORES—6

(sobre loja)

LISBOA

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA BEM CONHECIDA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.^a

LISBOA



UNICOS vendedores da machina **Memoria**, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systems.

Vendas a prompto pagamento e a prestações. Eusino e concertos gratis.

Encarrega-se de satisfazer qualquer pedido de velocipedes e bicycletas, para o que apresenta os respectivos cathalogs.

Estabelecimento e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda
LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

AGENCIA DA

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

NOS CONCELHOS DE

LOULÉ E ALBUFEIRA

Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliqueime, Paderne e Salir.

ARMAZEM DE VINHOS

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoro e obra d'empreita.

MERCEARIAS E DROGAS

Ferragens, tintas, candieiros, relógios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade
(Especialidade em chá, café e chocolate)

GRANDE E COMPLETO SORTIDO

EM

OCULOS E LUNETAS

de todos os graus



ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços modicos

MANUEL RODRIGUES CORREA

LOULÉ

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excelente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1.º e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES 4.º

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor tem estabelecidas carreiras entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as acomodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro—João Pereira d'Almeida.

TYPOGRAPHIA DO LOULETANG

ESTA typographia, montada com bom material, tendo adquirido boas e modernas machinas e já conhecida do publico pela boa execução de trabalhos n'ella feitos, está habilitada a satisfazer todas as encomendas, taes como: Procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autuações, recibos, quitações de fóros, participações de casamento, enveloppes e papel timbrados, todos os impressos para repartições publicas, prospectos, etc.

Cartões de visita em branco

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200

N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250

N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300

N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, perfeição, nitidez e promptidão.
Basta só experimentar para se ficar sendo freguez d'esta typographia.

PHOTOGRAPHIA DO POVO

DE

F. CRUZ

(PHOTOGRAPHO DE LISBOA)

46, RUA DA MOTTA, 46—Faro

N'esta casa **unica em todo o paiz que faz trabalhos mais baratos**, executa-se todo o genero de trabalhos photographicos desde o diminuto preço de 500 réis cada duzia de retratos nitidos, até 4\$000 réis cada retrato em tamanho natural, empregando em todos os trabalhos productos de primeira qualidade, vindos directamente da casa PAULENC FAERES, de Paris, e tendo machinas especiaes para instantaneos grupos de grande formato e para reproduções ainda as mais difficeis.

Tambem se vae a casa dos freguezes por trabalhos superiores á quantia de 2\$000 réis não sendo fóra da cidade.

Tiram-se retratos a pessoas fallecidas, com grande perfeição, e por preços convencionaes. Fazem-se grupos de corporações, collegios, bandas regimentaes ou philarmonicas, em grande formato.

Clichés gratis. Ha grande collecção de photographias religiosas para vender.

Trabalha-se com todo o tempo. Abre das 8 horas da manhã ás 4 da tarde.

ESTABELECIMENTO DE MOBILIA

DE

BELLA & BARBOSA

PRAÇA—Loulé

Cadeiras de diferentes modelos, sophás e canapés correspondentes, mesas de cabeceira com uma e duas pedras, ditas para sala, escriptorio, jogo e centro, etagères com pedra para sala, commodas e meias commodas, lavatorios de mogno com pedra espelho de crystal e gavetas; ditos de ferro, completos, com valvula; leitos de mogno á ingleza para uma e duas pessoas; ditos de ferro; berços em diversos teitios, espelhos para sala e quarto em diferentes tamanhos, serviços de lavatorio em loiça e zinco; papeis pintados, toalheiras, cabides, candieiros de suspensãõ e meza, relógios, espingardas, accessorios para as mesmas, oleados, *baguet* para moldura, oculos e lunetas de todos os graus.

Sortimento completo em ferragens, drogas, tintas, vidros e loiças.

Encarregam-se de quaesquer concertos dos artigos citados, e bem assim, de qualquer encomenda que diga respeito aos mesmos.